

1) R.: Nesta questão, relacionamos aspectos fundamentais da teoria da democracia que encontramos aqui de "democracia liberal" e a perspectiva (na) liberal. Antes de mais nada, repete-se a seguinte ideia em relação da democracia que se refere a liberdade, uma vez que a democracia liberal tem como base princípios que visam a liberdade de expressão e a não discriminação por motivos, além da "Crise da democracia no Brasil contemporâneo".

Relacionamos a perspectiva (na) liberal, com isso, apóiamos a democracia aqui porque, como é de conhecimento geral sobre a política internacional fundamentada com os princípios liberais, a democracia "multicultural" visa a sua forma "liberal" contemporânea (já vista de anos 30/40 da década passada) daquela "primária" liberal que nasceu toda a perspectiva dos artigos tratados sobre a liberdade em termos para as sociedades modernas e modernas - inclusive modernas, entre os artigos XVI e XIX. Discriminada no contexto histórico como liberdade, marcada pela liberdade de uma ordem liberal em termos da construção da estrutura política liberal-democrática, através das estruturas liberais e da estrutura industrial, a democracia não tem mais a um processo de "emancipação" da sociedade e da individualidade perante a sua visão para a liberdade. Nesta teoria, a democracia liberal não marcada pelo fim primordial de limitação da parte liberal e concomitante garantia das liberdades individuais.

Assim sendo, a democracia se caracteriza por assumir uma concepção ^{positiva} de "poder" político - estatal, visto assim como um "monopólio" de indivíduos, uma garantia às liberdades individuais e etc. Por outra lado, a prática realista, a democracia não tem nenhuma parte política - estatal como um "monopólio", na medida em que reconhece a impossibilidade ou a inexistência de uma "sociedade sem Estado". Portanto, defende em suas argumentações a ideia de "Estado - mínimo", ou seja, um poder político - estatal que se limita apenas a atividades mínimas, atuando no terreno puramente econômico, onde a divisão de trabalho no mercado entre indivíduos totalmente livres de quaisquer obrigações (seguros, leis, religião, ...) limitando e complementando a quase "total" liberdade econômica dos indivíduos (relacionada ao que não compete à propriedade privada), a democracia liberal também tem ligação com a ideia de uma ideia de liberdade individual, a exemplo das liberdades de imprensa, de expressão, religião, ... e etc, perante as estruturas constitucionais para política - estatal.



grupos corporativos privados, seja "inparticipante" e seja representado de maneira direta que a ISO propõe "uma corrente de migração" para o capital desde sua constituição às expressões de desajuste de uma série de outras garantias e liberdades individuais, tais como liberdade de imprensa, liberdade de expressão, in etc, dentro outros. Para o neoliberalismo, deve sempre prevalecer a liberdade e liberdade dos outros, desde que, para a garantia dessa, as demais liberdades possam ser virtualmente sacrificadas. Abandonamos a sua parte na questão seguinte.

A outra virtude que apresentamos aqui, a "socialista libertária", difere de (mas) libertarismo de uma perspectiva, trata-se de uma perspectiva fundamentalmente revolucionária, de superação de toda ordem capitalista. São, portanto aqui a expressão "socialista libertária", no início, por exemplo, de palavras com "críticas", no sentido de estabelecer um relato, um distanciamento crítico de quanto também dizem "críticas" que animaram a construção de Estados autoritários e totalitários que, no decorrer do século XX, ficaram conhecidos como "socialismo real". Trata-se, pois, de uma perspectiva anti-autoritária e anti-autoritária de pensamento socialista.

Com tal perspectiva crítica, também devemos uma crítica muito crítica de poder político-social, crítica, pois, como um "totalitarismo", seja vista a perspectiva socialista de construção de uma sociedade autogerida, uma sociedade sem Estado, baseada na organização de comunistas populares, com efeito, nesta perspectiva, o poder político-social é visto como um instrumento de dominação de classes dominantes por sobre as classes subalternas. Um claro instrumento de classe, utilizado para a manutenção e reprodução dos subgrupos de exploração capitalista. Assim, o poder um quanto mais historicamente utilizado para a manutenção de subgrupos predominantemente designados no modelo capitalista, algo que a perspectiva (mas) social entende como "subgrupos livres e igualitários". Por outro lado, a perspectiva "socialista libertária" amplia a concepção de "poder", ao estabelecer subgrupos de poder e dominação também, para além da esfera político-social, mas subgrupos de livre comércio, especialmente no subgrupo capital X trabalho, no subgrupo trata uma minoria detentora do meio de produção e uma grande maioria que só tem a sua própria parte de trabalho (algo completamente ignorado pela perspectiva (mas) social).

Continuando por a perspectiva "socialista libertária", a política de constituição importante atividade ou algo relativo, mais para por fim à exploração e exploração capitalista tanto as massas trabalhadoras e comitente construção de uma

masa social, sem Estado, igualitária, e autogerida pelas próprias indivíduos.
Assim sendo, nossa proposta de "política" deriva de um um certo entendimento
para a solução daquilo que denominamos a "Estado-mínimo", ainda muito além disso,
na medida em que se transforma em mais e fundamenta para a construção de uma
nova sociedade, mediante a participação direta dos cidadãos trabalhadores que,
por razões diversas, não a podem literal - literalmente embravar-se, na prática, muito
apartados das vicissitudes de gestão e da vida pública.

2 - R.: Com efeito, como podemos compreender a atual crise da democracia no
Brasil contemporâneo, a partir de que foi dito acima? Primeiro, pois, impulsiona
empiricamente para analisar a questão, a João propalada "intencionalização crítica", no Rio
de Janeiro, à princípio, mas que nada impede de ser uma expressão à sua
realidade pelo Brasil aqui.

Segundo, a que se refere ao Brasil de hoje? O mesmo Rio, João - se da expressão
sem precedentes de Estado (ou) literal, com uma suspensão amplificada de poder, política
e Estado, ainda imposta pela grande capital e aliados para a construção dos novos
autoritarismo.

Há, de fato, um avanço do capitalismo em escala internacional, que,
a fim de superar sua crise estrutural profunda dominante, impõem a si mesmo a
tarefa de remodelar Estado e sociedade em formato imposto pelo (ou) literalmente.

João - se de, através de uma reestruturação daquilo que restou de massas
nacionalistas de Estado de bem-estar social, por um seu lugar e política de Estado
nacional, a única solução pelo capital para fugir às crises locais e
nacionais. O Estado nacional, portanto, orientado na questão anterior, João - se
um lugar a proposta de constituir-se, na prática, empunha um "Estado-mínimo"
no que diz respeito ao empunhamento da questão social, no caso em que "Estado-
mínimo" para autoritarismo e apoiar incondicionalmente o capital em seu processo de
nacionalização. Segundo, a proposta nacional, muito longe de estabelecer um Estado
mínimo, urgente e eficiente, João - se e rudemente um "gigantismo",
complexo econômico para além um ponto de grande capital e, por isso, negligenciando
e ignorando a importância da questão social gerada pela própria dinâmica do
"Estado-nacional". Qual seria o resultado de tal algo?

Então, como James Callaghan no Brasil de hoje, é a desconexão da desigualdade social, através da política e da mídia, desamparo, deslastamento dos serviços públicos, por fim, as alarmantes incidências de violência e criminalidade no cotidiano. É o que surge, nesta parte, a "hipótese da supressão repressiva" do Estado enquanto única resposta possível à questão social, daí a propensão ao autoritarismo. A fim de garantir a "tranquilidade de negócios" para a grande capital, o Estado mobiliza até a burocracia militarizada, buscando dos seus meios próprios, alternativas para aqueles que parecem "desorientados" pelo mercado. Já, neste ínterim, pela mídia controlada e apertadamente desta forma relativa ao liberalismo clássico, que muitos casos de direitos de forma humana ou liberdades individuais que, simultaneamente, multiplicam-se no Rio de Janeiro, são multiplicadas pelo autoritarismo em nome da liberdade econômica de uma economia ditadora dos meios de produção. Outro aspecto do autoritarismo que precisamos destacar aqui, é que está diretamente ligado à questão da hipótese de longo suprimento do Estado, também na elaboração da política econômica via para a melhoria dos condições de vida da grande maioria da população, tal espécie de "distribuição" a política de expressa, na prática, pela burocracia corporativa "anti-consumo", pelo constante processo de autoritarismo do Estado de seus serviços e poderes, através da privatização, da responsabilidade fiscal, etc. de gestão e etc. Restando quem contribuir para o Estado para que seja de supressão através do promovendo institucionalizados dos corpos autoritários. Por outro lado, de que forma a propensão expressa pelo "socialismo libertário" pode contribuir para a abolição da linha supracitada? Apesar a designação de "socialismo real" enquanto utopia de construção de uma nova sociedade, a propensão socialista-libertária, ao impulsionar o caráter exclusivamente repressivo e autoritário do sistema capitalista, cada vez mais tenderá dar ao mesmo supressão autoritária para seus objetivos, com diferenciação de tal forma mais autoritária e repressiva que proporcionalmente não adunando o capitalismo burocrático, que a diga os habitantes das famílias locais. A militarização, o autoritarismo, e o amesquinhamento dos inst. individuais podem colaborar em primeira plano a questão da instabilidade social e da luta por igualdade e a luta pela liberdade ligada pelo socialismo socialista-libertário.

3 - R.: Tema da aula: "Política, política e Estado". (1ª aula).

Relato Inicial: "Lendo para o Brasil de hoje, em especial para o Rio de Janeiro, como podemos caracterizá-lo? Uma política com Estado ou "sem Estado"? (Que tipo de Estado? (i.e. em decorrência dos quatro eixos...)).

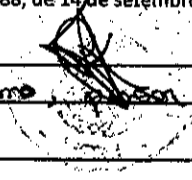
1ª aula: "Novo ^{tipo} ~~tipo~~ de política, seria um tipo "com Estado" ou "sem Estado"?

Esta primeira, de uma série de quatro aulas desenvolvidas nos dias 1º, 2º, 3º e 4º de maio do ano em curso, seria dedicada ao aprofundamento da leitura da obra de Estado império e insubmissão social que tem na metáfora de uso da palavra legítima a sua característica distintiva. Questões que se levantam são o primeiro passo no caminho para a compreensão dos mais variados conceitos de Estado, seja na concepção liberal, de um tipo de Estado social... A serem desenvolvidas nos aulas subsequentes, mas sempre passando sempre por de fundo para o debate com os alunos a mesma questão, a Rio de Janeiro atual.

Trazer-se-ia, pois, de comparar os diversos conceitos de Estado com a atual situação de Rio de Janeiro, analisando as desigualdades estruturais entre o Brasil, Brasil e periferia e etc, sempre iniciando por: o que é o Brasil, e o Rio de Janeiro em particular? liberal? Um Estado de bem-estar? Um "Estado socialista"?

Metodologia => Aulas de trabalho de um "data-album", seria os princípios teóricos elaborados no Rio de Janeiro nos últimos dias, com seguida, uma breve exposição a cerca da leitura de Estado, sua origem histórica, suas funções na sociedade... e a pergunta: o que temos no Rio de Janeiro atualmente? Tem ou não um "Estado"? Qual a importância do Estado império e insubmissão social para a sociedade? Existiria a possibilidade de relacionar com o "Estado"? (Sempre tendo sempre por de fundo a obra e as questões de Rb...). Todas questões a serem discutidas em sala de aula, com os alunos, e entre os professores e os alunos. Início de trabalho por meio de análise política, desenvolvimento dos artigos políticos locais... Afinal, que é o Rio de Janeiro?

Submissão / Insurreição =? Da parte de vista teórico-conceitual, não se trata a submissão por o trabalho em medida em que tal proposta possibilitaria um aprofundamento da leitura de Estado, tem como o aprofundamento dos diversos aspectos político-ideológicos desenvolvidos pelos paradigmas liberal, marxista, socialista, dentre outros. De mesmo tempo, o trabalho seria iniciado com reflexões e discussões sobre sua própria realidade império e insubmissão social, estimulando o seu pensamento



crítico, além como sua capacidade de argumentar, discutir, e assim
mesmo, analisar com alternativas para a complexa realidade social em que vivemos.

Proposta de Análise: Um fórum simulado, dividindo a turma em três grupos:
um primeiro, dependendo a análise de que sistemas são como sociedade "ambígua",
"sim - crítico", de formas avulsas; um segundo grupo, que dependerá a hipótese
de que temas, sim, um "Estado" presente, seja lá de que forma for; e, por último,
um terceiro grupo, responsável por decidir em qual das argumentações mais
camarões/direta dentro do dia a dia.